

Entre o Virtual e o Afeto: A Estética Bolsonaroista como Política de Extermínio da Diferença

Me. Waldenilson Teixeira Ramos¹

Sra. Joana Faustino Barbosa Botelho²

Resumo: Este artigo analisa o bolsonarismo não apenas como um fenômeno político-partidário, mas como uma força de subjetivação sustentada por uma estética específica que opera no plano virtual. Partindo de uma perspectiva transdisciplinar, que entrelaça psicologia, filosofia e política, investiga-se como as práticas de visibilidade e as tecnologias digitais são utilizadas para propagar o repúdio às minorias e a repressão da diversidade. Discute-se o conceito de psicopoder e a função do afeto como engrenagem articuladora de uma subjetividade que elege o "outro" como inimigo a ser combatido. O trabalho demonstra que a gramática estética bolsonarista difunde um desejo de aniquilamento da diferença, padronizando comportamentos e produzindo sofrimento psíquico e social. Conclui-se que a reflexão sobre essa estética é urgente e imprescindível para uma psicologia crítica e ética, denunciando as ameaças democráticas contemporâneas e reafirmando o compromisso com a multiplicidade humana.

Palavras-chave: Bolsonarismo; Estética; Subjetividade; Psicopoder; Política.

Between the Virtual and Affect: Bolsonaroist Aesthetics as a Politics of Exterminating Difference

Abstract: This article analyzes Bolsonaroism not merely as a partisan political phenomenon, but as a force of subjectivation sustained by a specific aesthetic operating within the virtual plane. Drawing from a transdisciplinary perspective that intertwines psychology, philosophy, and politics, we investigate how visibility practices and digital technologies are employed to propagate the rejection of minorities and the repression of diversity. The concept of psychopower is discussed alongside the role of affect as an articulating mechanism of a subjectivity that designates the "other" as an enemy to be fought. The work demonstrates that the Bolsonaroist aesthetic grammar disseminates a desire for the annihilation of difference, standardizing behaviors and producing psychic and social suffering. It is concluded that reflecting on this aesthetic is urgent and essential for a critical and ethical psychology, denouncing contemporary democratic threats and reaffirming a commitment to human multiplicity.

Keywords: Bolsonaroism; Aesthetics; Subjectivity; Psychopower; Politics.

¹ Mestre; NUEST; Niterói, Rio de Janeiro e Brasil; psicologowaldenilson@gmail.com.

² Graduanda; UFF; Magé, Rio de Janeiro e Brasil; joanafbb3@gmail.com.

Entre lo Virtual y el Afecto: La Estética Bolsonarista como Política de Exterminio de la Diferencia

Resumen: Este artículo analiza el bolsonarismo no solo como un fenómeno político-partidario, sino como una fuerza de subjetivación sostenida por una estética específica que opera en el plano virtual. Partiendo de una perspectiva transdisciplinar que entrelaza psicología, filosofía y política, se investiga cómo las prácticas de visibilidad y las tecnologías digitales se utilizan para propagar el rechazo a las minorías y la represión de la diversidad. Se discute el concepto de psicopoder y la función del afecto como engranaje articulador de una subjetividad que elige al "otro" como un enemigo a combatir. El trabajo demuestra que la gramática estética bolsonarista difunde un deseo de aniquilamiento de la diferencia, estandarizando comportamientos y produciendo sufrimiento psíquico y social. Se concluye que la reflexión sobre esta estética es urgente e imprescindible para una psicología crítica y ética, denunciando las amenazas democráticas contemporáneas y reafirmando el compromiso con la multiplicidad humana.

Palabras clave: Bolsonarismo; Estética; Subjetividad; Psicopoder; Política.

1. Introdução

No dia 30 de outubro de 2022, o Brasil pôde, enfim, assistir à derrocada de Jair Messias Bolsonaro nas urnas eleitorais. O evento marcou um profundo deslocamento simbólico de uma figura que, operando a grande máquina política do país, vociferava ódio e repúdio às experiências minoritárias. Torna-se imperioso refletir sobre a estética do movimento bolsonarista e seus modos de subjetivação, uma vez que tal fenômeno apresenta modulações recentes no que tange às forças de apagamento e aniquilamento da diferença.

O filósofo brasileiro Henry Bugalho (2020) utilizou uma das frases notórias do ex-presidente para descrever este representante da extrema direita no Brasil: um especialista em matar. Em sua obra *Minha especialidade é matar: como o bolsonarismo tomou conta do Brasil* (2020), que se tornou um best-seller naquele ano, Bugalho fez mais do que uma descrição do contágio neofascista vigente; sua escrita constitui um gesto de denúncia e disputa no cenário político brasileiro.

Evidencia-se, portanto, que o bolsonarismo transcende a figura histórica de Jair Messias Bolsonaro. Embora a derrota de Bolsonaro represente uma vitória para o campo progressista, ela configura apenas o deslocamento de uma representação na esfera pública. Tal deslocamento sinaliza a perpetuidade de uma disputa pela democracia e o enfrentamento de uma retórica de ódio que nutre a guerra cultural no Brasil (ROCHA, 2021). Jair Bolsonaro deixou a presidência, mas o bolsonarismo permanece, pois não se trata apenas de uma persona, mas de uma força política.

Como evidência estatística, tomemos o próprio resultado das urnas: apesar de uma gestão desastrosa no combate à pandemia e de uma política assentada em um projeto de

destruição e produção de ódio, o ex-presidente obteve 58.206.354 votos válidos no segundo turno de 2022 (BRASIL, 2022). Tais votos operam como metáfora de um pedido de permanência de

[...] um candidato que não tinha nenhum programa de governo organizado, havia feito declarações racistas, machistas e homofóbicas, elogiara abertamente torturadores e a ditadura militar e prometera nomear como ministro da Fazenda um homem com experiência no governo de Augusto Pinochet e ideias claras para estrangular a vida da maioria da população. Vale dizer que até agora o mito e seus ministros estão cumprindo, com notável competência, tudo o que prometeram (LÍSIAS, 2020, p. 8).

Torna-se jus a qualificação dos votos favoráveis a Jair Bolsonaro, enquanto metáfora de um pedido, haja vista o teor figurativo de sua representação. É razoável a colocação do bolsonarismo como força política e fruto de um projeto extremista no Brasil, os votos são compreensíveis enquanto resultado de um processo de disseminação de um afeto político — a incluir o próprio antipetismo. Não obstante, a compreensão do que é o bolsonarismo no Brasil leva a constatação dos sérios efeitos de um projeto de produção de ódio e polarização no Brasil, a isto Eduardo Wolf (2018) adjectiva como um plano de *guerra cultural no Brasil*:

Jair Bolsonaro é o presidente das guerras culturais no Brasil. (...) com a fantasia retórica poderosa do “inimigo da nação”, que precisa ser “varrido do mapa”. (...) Esse tipo de retórica depende de uma característica fundamental das guerras culturais: a crença de que existe uma essência, uma identidade profunda e inalterável da nação ou da sociedade, e de que ela está sob ataque (WOLF, 2018, p. 1).

Tomar o bolsonarismo como efeito de um projeto político de ódio no Brasil possibilita a apreensão de uma conjuntura política, tanto em termos macropolíticos quanto micropolíticos, resultante de uma tecnologia discursiva e, sobretudo, estética. A disseminação do ressentimento e do desejo de aniquilação da diferença é a prova cabal de um processo de contaminação política, onde se presencia uma crise, acima de qualquer coisa, estética. A estética bolsonarista é arrebatadora de paixão e de repúdio à diferença (GHERMAN, 2022b). A jornalista Patrícia Campos Mello (2020), infelizmente, sentiu na pele a força desta tecnologia estética de propagação de repúdio e ódio. No livro, *A MÁQUINA DO ÓDIO: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*, Mello descreve:

O vídeo se chama ‘Jornalista da Folha.’
Uma prostituta se aproxima de um carro e se debruça na janela do passageiro para abordar o motorista.
Bora se divertir, gato? - ela diz.
Quanto é que você está cobrando? - o motorista pergunta.
Depende do que você quiser, meu amor.
Você faz serviço completo?
Experimenta, depois você me fala.
Tá ótimo... eu só preciso de um furo... um furinho pra mim tá bom.
Eu tenho três, meu amor, escolhe o que você quiser.
Sou eu que escolho, é, sua safada?
É... Fala aí, qual dos furos você vai querer, hein?
Eu quero um furo de reportagem, sua safada... Um furinho bem gostoso... Você só manipula notícia ou você também cria notícia falsa do zero? Uma outra coisa que eu

também estou precisando é de uma fonte falsa, aquela que inventa história mesmo e se for preciso ela até vai depor se for intimada.
A prostituta faz cara de ofendida.
Como é que é?
Furo de reportagem, fake news, quanto é que você está cobrando?
Eu não faço esse tipo de coisa.
Você não é jornalista da Folha?
A prostituta fica ultrajada.
Do que é que você me chamou?”
Jornalista da Folha.
Olha aqui, eu sou prostituta, seu babaca. Jornalista da Folha? Era só o que me faltava. O meu trabalho é um trabalho digno, eu não destruo a vida das pessoas! Serviço completo, né? Agora eu estou entendendo, serviço completo. Eu faço, sim, serviço completo, mas isso eu não faço, porque eu tenho dignidade, seu idiota! Sai daqui! (MELLO, 2020, p. 75 - 76).

Pensar a estética, para a presente geração, é um problema que se debruça sobre um determinado modo de constituição de corpo que vem se capilarizando no tecido social nas últimas décadas. Esse processo atravessa tanto a juventude que vivenciou o alvorecer da internet enquanto plano de exacerbação de uma liberdade discursiva e existencial, quanto uma geração posterior, que já se constitui a partir do esquadrinhamento das redes por conglomerados corporativos. Algo se contorce nesse lapso temporal, seja através de uma torção das tecnologias linguísticas, seja por meio da estruturação de maquinários de criação de (in)certezas. As redes informacionais possibilitam que outros modos de dizer e de fazer aparecer sejam postos em jogo; desse modo, a investigação dos modos existenciais — a partir de qualquer fenômeno contemporâneo — deve, inevitavelmente, considerar os atravessamentos das permutações estéticas formuladas pelas estruturas de viralização digital.

Entretanto, a torção dos modos de discursividade proporcionada pelos meios digitais não se restringe a meros movimentos de transfiguração técnica ou estética. McLuhan (1974) argumenta que os dispositivos informacionais operam, por si sós, cisões nos modos de relação com a realidade. Logo, pensar os meios digitais enquanto dispositivos de altíssima frequência — ao mesmo tempo que nos permite tratar as redes sociais como agentes de profundas mutações no campo discursivo — é também fazer aparecer entrelaçamentos que ligam, de forma íntima, o modo operacional das intervenções tecnológicas às dimensões de acesso à realidade. As redes de propagação de informação, aderindo às suas próprias ritualísticas, inauguram modos discursivos que se apropriam da velocidade intensiva da internet: Stories, Shorts e grupos de WhatsApp capturam um tensionamento cognitivo-temporal e recortam discursos em fragmentos de cinco a trinta segundos.

Linguagem e estética: aqui se encontram armas poderosas vastamente utilizadas pela extrema direita no Brasil. Marcia Tiburi (2019) qualificou esse uso da linguagem estética, enquanto cálculo de arrecadação de capital político e modo de articulação de paixões, como psicopoder. Enquanto técnica da racionalidade, o uso e abuso do psicopoder no Brasil

apresenta-se como questão nodal para uma Psicologia Social Crítica. Pensar a estilística bolsonarista para além do político Jair Bolsonaro, compreendendo como essa estética atua como técnica de aniquilamento da diferença através da lógica do psicopoder, constitui o problema central deste capítulo. Essa linguagem apoia-se em uma "gramática do ódio", segundo Gherman (2022), composta por elementos discursivos que remetem à exclusão de minorias políticas, à guerra cultural e a simbologias nazifascistas. O maior exemplo talvez seja o discurso do então secretário de cultura Roberto Alvim, que parafraseou o ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels, além de utilizar outros signos que remetem ao antissemitismo e ao nazismo (GHERMAN, 2022b).

O contexto hodierno é marcado por uma popularização expressiva das mídias e redes sociais, onde a relação entre os ambientes físico e virtual se intercrucza, impactando diretamente o sujeito brasileiro. Nesse sentido, os meios de comunicação virtuais tornaram-se locais propícios para a exposição de ideais, posicionamentos e modos de ser, possibilitando a formação de comunidades e a criação de vínculos. É por isso que esse ambiente se mostrou plural nos âmbitos estéticos. A compreensão de que Jair Messias Bolsonaro é a metáfora de uma força política que a ele não se reduz evidencia um problema urgente para a subjetividade contemporânea brasileira — de caráter político, ético e estético —, cuja propagação é elemento direto de processos de exclusão social e aniquilamento de corpos dissidentes.

A força bolsonarista apresenta-se na cena pública brasileira como máquina de destruição e força de ruptura institucional, representando, de forma eminente, um risco ao espaço democrático e agindo como agente de produção de sofrimento e aniquilamento da diferença. Dar notoriedade à estética bolsonarista como certa tecnologia dos afetos políticos é, decerto, uma tarefa de denúncia de um dispositivo assentado em uma gramática não só de ódio, mas de uma política de ressentimento. O ressentimento é aqui compreendido como processo de deslocamento e decantação de valores e significados que se destinam à significação de um bloco de sensações. Diante dessa hipótese, a estética bolsonarista apresenta-se como engrenagem articuladora do processo de significação desse bloco de sensações, uma gramática que se dobra em uma essência identitária e reacionária.

Cabe ressaltar que a força bolsonarista se alinha e toma fluxo de forças anteriormente presentes no Brasil; sendo assim, a estética que o movimento bolsonarista encampa trata-se de um processo de atualização. Portanto, vislumbrar a estética reacionária — principalmente em sua interface com o que nomeamos bolsonarismo — é ampliar a discussão para um escopo de compreensão da própria história do Brasil. Tal tarefa de vislumbrar e tomar esse objeto de

análise torna-se, dessa maneira, um gesto urgente para expandir a reflexão e as inflexões sobre a temática.

Colocado como primado o dever ético e político de uma psicologia crítica, compromissada com a transformação social e que pleiteia a construção de mundos outros, este trabalho apresenta-se para além de uma aposta teórico-metodológica: efetiva-se como um dever cívico e político. Tendo como horizonte uma psicologia crítica comprometida com a multiplicidade humana e com toda diferença que dela advém, este artigo reafirma e denuncia as lutas de nosso tempo. Assim, no próprio movimento de confecção deste trabalho, coloca-se em ação um gesto de resistência, esperando um devir do mundo. Ao assumir o exercício de uma psicologia crítica que, em seu caráter epistemológico e ético, apresenta-se enquanto movimento de luta em favor da construção de mundos outros, uma premissa se evidencia: o mundo no qual estamos inseridos não está dado a priori; todavia, manifesta-se por via das resultantes histórico-políticas. Diante disso, há sempre muito o que se fazer e o que disputar; assim, pensar a estética bolsonarista é pôr à luz da reflexão um impasse de nosso tempo.

2. Diretrizes de Metodológicas

Em um Brasil atravessado por "sinais de arminha", cloroquina, fake news e o lema "Deus, pátria e família", há um problema que transcende o absurdo desses discursos. Símbolos como esses nos alertam para uma estética da existência no momento em que são utilizados para aglutinar pessoas em um mesmo sentido e condensar um desejo próprio de um fenômeno cada vez mais comum no Brasil: o bolsonarismo. Pensar essa problemática é, portanto, pensar a estética como contágio molecular, dispositivo que faz ressoar, fortifica e multiplica; logo, trata-se de uma tecnologia dos afetos e força subjetivante. Sob esse viés, a compreendemos como uma força que fundamenta a molarização de pequenos movimentos, dá campo para a atualização de sentimentos e constitui corpo. Eis o problema central: o modo como essa tecnologia é empregada para valorizar e legitimar um movimento neofascista no Brasil — o bolsonarismo. A estética, aqui, conjuga arte, estilo de vida, discurso e gestos; é um sentido que significa, vetoriza, sensibiliza e autoriza uma sensação.

Nessa aposta teórica, recorremos a autores como Eduardo Passos e às ferramentas da transdisciplinaridade como ponte para ampliar o campo epistemológico da Psicologia. Tal abordagem viabiliza a perspectiva adotada neste capítulo, fundamentada em uma linhagem de pensadores da filosofia da diferença: inicia-se na concepção de Heráclito — de que é impossível entrar no mesmo rio duas vezes —, passa por Espinosa e Nietzsche, e desdobra-se nos conceitos de Deleuze, Guattari e Foucault, entre outros filósofos que nos auxiliam a

pensar os modos de existência enquanto construções histórico-políticas de um determinado espaço-tempo. A perspectiva teórico-metodológica apoia-se, portanto, na aposta transdisciplinar, transgredindo os limites de um determinado setting clínico, da arte e da política, construindo, assim, um espaço-outro de análise.

Seguindo a trilha de Deleuze, Guattari e Foucault, compreendemos a subjetividade como uma formação que emerge em determinado tempo e espaço, conforme as relações de poder que a produzem e perpetuam. Aqui,

O que nos interessa são modos de subjetivação e, neste sentido, importa-nos poder traçar as circunstâncias em que eles se compuseram, que forças se atravessam e que efeitos estão se dando. No lugar do indivíduo, individuações. No lugar do sujeito, subjetivação. Como nos conceitos, não se trata de modo algum de reunir, unificar, mas de construir redes por ressonâncias, deixar nascer mil caminhos que nos levariam a muitos lugares (PASSOS, 2000, p. 78-79).

A partir do momento em que um processo investigativo propõe debruçar-se sobre condições sociais que possibilitam a emergência de modulações subjetivas específicas, tornam-se necessárias ferramentas metodológicas capazes de abarcar uma análise mais ampla das cenas históricas, políticas e afetivas que circundam a problemática. A metodologia transdisciplinar, ao criar laços com áreas do saber que possuem objetos diversificados — embora ainda em relação de formação de realidade —, permite-nos certa maleabilidade para articular conceitos outrora apartados.

Por meio da perspectiva transdisciplinar, surge a possibilidade de compreender objetos e conceitos em um movimento que jamais tende à estabilidade: os termos dos campos que se intercedem não operam uma simples interseção — como na interseccionalidade —, mas uma *intercessão*. Conforme Eduardo Passos (2000), essa intercessão realiza uma transgressão entre os termos dos diferentes campos, tratando-se de "interferência, de intervenção através do atravessamento desestabilizador de um domínio qualquer (disciplinar, conceitual, artístico, sócio-político, etc.)" (p. 78). É assim que a metodologia transdisciplinar auxilia a pensar o problema da estética como tecnologia utilizada para valorizar e legitimar o movimento bolsonarista, colocando em interferência a subjetividade e a estética enquanto forças de subjetivação e criação de mundo.

Valer-se da transdisciplinaridade implica estar sensível ao mundo que nos cerca. Extraímos dessa abordagem "essa operação primária de cruzamento [...] para pensar as diagonais, os vieses, os vetores que nos atravessam e nos compõem no contemporâneo" (PASSOS, 2000, p. 75). Trata-se de pensar e perceber as forças que nos subjetivam e articulam a realidade na qual estamos inseridos, sendo a estética uma dessas forças.

Refletir sobre o problema entre bolsonarismo e estética demanda "tratar do terreno problemático que se delinea na interface transdisciplinar entre clínica, arte e política" (PASSOS, 2000, p. 75). Exige perceber o mundo de forma mais ampla e sensível, cartografando as relações e articulações de forças que tornam possível a emergência de uma estética bolsonarista essencialista e destruidora da alteridade. Tal estética cria e é criada a partir de ontologias comuns — "plano de imanência absolutamente diferencial" (MOTTA; MIZOGUCHI, 2019, p. 10) — do movimento bolsonarista, em sua relação com a ética e a política.

3. Rastros E Vestígios Históricos

Por todos os espaços onde o ser humano estabeleceu contato ou interação, rastros foram produzidos de formas distintas. Consequentemente, evidências ideológicas, históricas e culturais confluem, tornando tais rastros ainda mais perceptíveis. Essa confluência indica que os rastros não se fazem presentes apenas para traçar comparações, mas para fundamentar análises específicas, visto que tempo e espaço são elementos que devem ser rigorosamente considerados. Nesse sentido, a estética revela-se como um rastro fundamental para a legitimação do movimento bolsonarista, o qual se consolidou como uma vertente neofascista contemporânea.

A estética demonstra ser um ponto essencial na ressonância dos modos de existência microfascistas. O movimento bolsonarista não emerge subitamente na eleição de 2018, mas insinua-se anteriormente em pequenos detalhes cotidianos e movimentos do dia a dia. É preciso rastrear esses pequenos atos estéticos, éticos e políticos para compreender como a estética opera enquanto discurso, técnica de poder e campo de legitimação do neofascismo — aspecto que será aprofundado adiante. Tais detalhes, numa primeira análise, podem parecer sutis, mas são capazes de elucidar a história de um caminho em curso. Assim, torna-se necessário compreender as modulações do bolsonarismo nos níveis macropolítico e micropolítico, acompanhando seus rastros históricos e traçando pistas que auxiliem no entendimento das condições de possibilidade para a ressonância do ethos bolsonarista na estética.

Faz-se necessário apontar que essa estética constitui uma força concreta de subjetivação, impulsionando a realização de atos criminosos — como as invasões de 8 de janeiro de 2023 ao Palácio do Planalto, ao Congresso Nacional e ao Supremo Tribunal Federal (STF). Nesse contexto, rastros como esses crimes, legitimados pelo discurso bolsonarista, não abdicam de sua identidade estética; pelo contrário, buscam exibi-la na cena

pública, ilustrando que tais atos não foram cometidos por indivíduos aleatórios, mas por um suposto "povo unido". Isso traz à tona uma verdadeira disputa de sentido, marcada por uma revolta direcionada ao "outro" e não ao sistema em si.

A memória histórica paira sobre o bolsonarismo: a memória de um passado de morte e fascismo que é atualizado e modulado nesse movimento. Sentimos, nas "antípodas do progresso e da grandeza que o futuro desejaria espelhar, a lembrança de que nosso berço esplêndido é também uma necrópole" (RESENDE, 2022, p. 13) — lembranças nas quais rastejam os rastros do bolsonarismo. Os microfascismos brasileiros remontam à história de formação do país, atualizando-se na estética bolsonarista. Assim como "a vala comum dos anos de chumbo já era a atualização dos chamados 'cemitérios de escravos'" (RESENDE, 2022, p. 2), o movimento bolsonarista e sua estética são modulações de um desejo fascista existente no Brasil desde a colonização. A Ação Integralista Brasileira, de Plínio Salgado; o Estado Novo, de Getúlio Vargas; a ditadura civil-militar de 1964: são rastros da emergência dos fascismos inscritos no corpo brasileiro, de suas ressonâncias em estéticas continuamente atualizadas, agora capturadas pela estética emergente na imagem de Bolsonaro. Rastros de seu afloramento já eram sentidos no passado, distante e recente, na lembrança de morte que resta no tempo e resiste nos corpos.

No dia 28 de maio de 2009, o Partido Comunista do Brasil pediu a instauração de um processo contra o deputado federal Jair Messias Bolsonaro. O parlamentar ostentava na porta de seu gabinete um cartaz amador com o desenho de um cachorro segurando um osso na boca; palavras juntavam-se à ilustração para dar forma à mensagem: "DESAPARECIDOS DO ARAGUAIA. Quem procura osso é cachorro". Numa foto em que posa orgulhoso com o reclame, vislumbra-se, ao fundo, um adesivo que trazia parte do bordão que ele adotaria na campanha presidencial de 2018: "Brasil acima de tudo". À época, o congressista era mais uma entre tantas criaturas medonhas do pântano da política brasileira; mesmo em meio àquela fauna, era o único que defendia abertamente o regime totalitário instaurado pelos militares no golpe de Estado de 1964 (RESENDE, 2022, p. 2).

O episódio narrado por Resende não deve ser lido apenas como uma anedota de mau gosto, mas como a cristalização precoce de uma estética da crueldade que, anos mais tarde, se tornaria política de Estado. O cartaz na porta do gabinete funciona, portanto, como um rastro indelével de que a pulsão de morte e o desprezo pela memória — elementos centrais de um fascismo à brasileira — já operavam ali, à espera de uma conjuntura que lhes conferisse legitimidade e poder. Assim, a "criatura do pântano" não surgiu de um vácuo histórico; ela foi gestada na permanência desses pequenos gestos de violência simbólica que, ao serem tolerados, pavimentaram o caminho para a instauração de um regime de visibilidade pautado no ódio e no escárnio.

4. Regimes de Visibilidade e a Gramática do Ódio

Um dos pontos nodais deste capítulo é a compreensão da estética enquanto uma prática discursiva elementar à episteme contemporânea e, como tal, se apresenta como manifestação de determinadas forças emergentes em forma pictórica. Para que se possa efetivar essa apreensão, o pensador Michel Foucault (2008) fornece instrumentos de análise crítica importantes para que se possa alcançar este fim. Foucault é adjetivado por outros pesquisadores como um pintor no plano do pensamento, um intelectual que se debruça sobre as questões de luz e sombra, na mesma medida em que monta sua alegoria estética da sociedade moderna — contornando e descolorindo as formas de saber e poder de nosso tempo. Isso, haja vista, os enfoques que tal pensador dá às produções estéticas como marcadores importantes de emergência de determinados discursos em cada momento da história humana no ocidente (ORELLANA, 2014).

Como em tantas outras oportunidades, é atribuído a Deleuze o mérito de ter vislumbrado de um modo profundo o sentido da escritura foucaultiana e, neste aspecto, estabelecer um vínculo entre o exercício do cartógrafo – como aquele que traça o mapa do campo social – e a tarefa artesanal do pintor em seu fascinante trabalho com as imagens. Sobre o campo da visibilidade e das sombras, uma importante tecnologia lógica da linguagem se articula, o discurso (p. 5).

Muito curiosamente, esse intelectual fez da escrita um gesto de pintura. As denúncias que sua escrita marcará o enquadramento das lógicas de visibilidades e sombra de cada época, e aquilo que ele tanto nomeou por discurso também se assenta na imagem das forças de subjetivação de cada território e época. Outrossim, a escrita deste pensador, em seu processo intelectual, sempre foi um gesto cartográfico dos sócios. “Daí a tripla definição de escrever: escrever é lutar, resistir; escrever é devir; escrever é cartografar, ‘eu sou um cartógrafo...’” (DELEUZE, 1988, p. 54). Para Michel Foucault:

(...) a relação da linguagem com a pintura é uma relação infinita. Não que a palavra seja imperfeita e esteja, em face do visível, num déficit que em vão se esforçaria por recuperar. São irreduzíveis uma ao outro: por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem. [...] É, talvez, por intermédio dessa linguagem nebulosa, anônima, sempre meticulosa e repetitiva, porque demasiado ampla, que a pintura, pouco a pouco, acenderá suas luzes (FOUCAULT, 1999, p. 11).

Nessa perspectiva, as formações dos discursos e as produções de enunciações articulam-se como um "canhão de luz": aos regimes de visibilidade interessa a formulação de novos objetos, onde sobressaem novas práticas de saber-poder (FOUCAULT, 2008). Por esse motivo, “Os enunciados, diferentes em sua forma, dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto” (FOUCAULT, 2008, p. 36). O que importa, em um regime de visibilidade, é o seu desdobramento posterior: a emergência de práticas assentadas nas codificações inscritas e cristalizadas nos objetos iluminados por essas luzes.

As relações entre dispositivos e discursos são infinitas e variáveis. No campo de suas práticas, os discursos produzem códigos, enquanto os dispositivos inauguram as visibilidades e os objetos, sempre entrecruzando suas forças. Os jogos de visibilidade de cada época utilizam-se dos dispositivos que se apresentam à mão; na era da informação digital, a internet — e, mais especificamente para este trabalho, as redes sociais — constitui um dispositivo de visibilidade crucial nos modos de subjetivação. São esses mecanismos que lançam luzes e confeccionam objetos na contemporaneidade. Os aparelhamentos discursivos concorrem com esses jogos de visibilidade, e a extrema direita no Brasil, aparentemente, apreendeu com destreza tal jogo de luzes. Assim, a estética bolsonarista define-se como a fricção entre dispositivo de visibilidade, discurso e prática.

Para além das implicações estritamente discursivas, as redes informacionais operam mutações também em dimensões que perpassam processos linguísticos, enunciativos e afetivos. Ao tomar processos de valoração estética como princípio para a reconfiguração de técnicas de transmissibilidade comunicativa, o bolsonarismo parece saber utilizar muito bem as ritualísticas digitais a fim de lapidar posicionamentos que, concomitantemente, gozam tanto de uma endurecida forma estética quanto de um versátil amorfismo moral. Esse trajeto se dá através de um jogo simbólico minuciosamente esquadrinhado por Anatol Rosenfeld (1993).

Nesse diapasão, Rosenfeld (1993) oferece uma chave de leitura fundamental ao analisar a instrumentalização da forma sensível. O autor argumenta que os valores morais, por sua natureza abstrata, muitas vezes carecem de um encanto imediato ou de uma sedução inerente capaz de mobilizar afetos. Diante dessa "aridez", opera-se uma estratégia de colocar os valores estéticos a serviço dos imperativos morais. Ao revestir preceitos éticos ou moralistas com formas vivas e atraentes, confere-se a eles um apelo emocional que não possuíam originalmente. Para Rosenfeld (1993), essa roupagem estética não apenas facilita a capilaridade e a divulgação dessas ideias no tecido social, mas também lhes imprime uma força de convicção intensa e impositiva, mobilizando a sensibilidade do público para garantir a adesão a pautas que, despidas desse artifício, poderiam não encontrar a mesma ressonância. Sob tal ótica, é fundamental compreender que a linguagem transcende a mera transmissão de informações, revelando-se como um instrumento de força e afetação mútua entre os sujeitos, conforme postula Tiburi:

Antes de serem puros e simples atos de comunicação, todos os atos da linguagem são atos de poder. O poder também é um ato de linguagem. Em um sentido puramente conceitual, poder é uma potencialidade dos corpos humanos. Poder é da ordem de algo que se exerce em relação ao que existe. Podemos dizer que ele é a ação de um corpo sobre outro corpo que se transforma por meio dos atos que produz ou sofre. A essa ação podemos dar o nome de linguagem. (TIBURI, 2019, p. 237).

Tendo em vista a linguagem como expressão de poder, verbal ou não, pode-se perceber uma relação direta com os interesses bolsonaristas ao passo que a estética formulada configura-se como uma engrenagem articuladora de subjetivação ao antagonizar mundos outros que distam das concepções do discurso exposto. Nesse sentido, depreende-se que corpos são tornados abjetos não somente por meio de violência física direta — característica marcante neofascista —, mas também pela imposição de um anulamento da diferença intrínseco à composição estética explicitada.

Nós... o Brasil de verdade: retórica da essência, cujo corolário é a recusa intolerante do que não seja espelho. No fundo, as frases desses pronunciamentos explicitam o sentido da guerra cultural bolsonarista: eliminação sumária do outro, sempre visto como inimigo. Varrer, apagar, eliminar: verbos onipresentes na linguagem extremista. Limpeza: substantivo que evidencia a incapacidade de lidar com a diferença (ROCHA, 2021, p. 115-116).

O anulamento da diferença, orquestrado pelo ocultamento de mundos outros presente na configuração estética, possui um papel imprescindível para a sustentação política do movimento: ao ser estabelecido um binarismo que separa as diversas identidades em “aliados” e “inimigos”, suprime-se o fato de que há opiniões discordantes com diferentes pontos de vista entre si mesmas e instaura-se a figura de um inimigo que deverá ser combatido pelo movimento bolsonarista. Nesse sentido, posicionamentos políticos não concordantes são simplesmente expostos como contrários, ou seja, toda ideia proposta que não seja minuciosamente alinhada às posições defendidas pelo movimento serão colocadas sob o mesmo estereótipo. Dessa forma, a expressão de poder proveniente da estética do movimento político mencionado possui um de seus pilares na adjetivação generalista e negativa do outro — aquele que não corrobora com os ideais extremistas enunciados — como alvo das violências que serão efetivadas. Tal modelo discursivo pode ser observado na seguinte afirmação de Olavo de Carvalho, um dos grandes responsáveis pela propagação de ideias alinhadas à perspectiva bolsonarista:

Nada que se diga contra os comunistas é discurso de ódio. Porque eles são os donos absolutos não só do discurso de ódio, mas como da prática do ódio assassino. Ninguém os superou nisso. Nem os nazistas os superaram nisso. Se você somar todas as matanças de governos de direita no mundo não dá 10% do que os comunistas fizeram. Então falar mal de comunista, chamar comunista de assassino, de monstro, é inteiramente justificado, porque eles são realmente isso (CARVALHO, 2019).

Além da codificação do outro como inimigo, há a criação de um contexto emergencial que incita um combate à medida que se propaga a ideia de que os apoiadores do movimento precisam lutar constantemente contra as influências agressivas e crescentes dos intitulados adversários, que almejam destruir os “bons valores” defendidos pela extrema-direita. Tal tentativa de invenção da realidade altera as posições entre quem sofre a violência e aquele que, de fato, incita tais agressões. Pode-se perceber isso, por exemplo, na afirmação da universidade como local de forte censura e repressão de ideias contrárias às pautas defendidas

pelos membros da instituição. Tal alegação subverte a relação de repressão existente na prática, onde o bolsonarismo, ao contribuir para uma concretização do anulamento da diferença e da repressão de corpos dissidentes, ao mesmo tempo, atribui a seus inimigos idealizados o papel de perseguidores, como exposto abaixo, novamente, por Olavo de Carvalho:

Pega as universidades brasileiras nos últimos 30 ou 40 anos e pergunta quantas teses anticomunistas foram aprovadas. Resposta é nenhuma. O anticomunismo está proibido nas nossas universidades. Está proibido nas nossas mídias. Não é a pregação comunista. É a supressão do anticomunismo. Esse que é o problema (CARVALHO, 2019).

Outro aspecto nevrálgico no discurso bolsonarista de aniquilamento da diferença reside na replicação da lógica da guerra cultural no interior dos próprios grupos minoritários, viabilizando a cooptação de corpos dissidentes pela mentalidade fascista. Michel Gherman (2022a), ao analisar os impactos do bolsonarismo na comunidade judaica, caracteriza essa dinâmica como um dispositivo de neutralização da diferença em grupos racializados; simultaneamente, opera-se o mascaramento do ódio às minorias ao eleger como inimigo não "o negro" ou "o judeu" em abstrato, mas especificamente aqueles posicionados à esquerda, ou seja, os que resistem à opressão. Dessa forma, a heterogeneidade presente nesses grupos é assimilada e apagada, aproximando a figura do "bom judeu" ou do "bom negro" a um ideal normativo de branquitude e conservadorismo.

5. Considerações Finais

Neste percurso entre estética, ética e política, buscou-se elucidar uma das tecnologias discursivas fundamentais para a ressonância e legitimação do bolsonarismo no Brasil. A composição estética bolsonarista não apenas endossa, mas sustenta uma ontologia do aniquilamento da diferença, produzindo subjetividades e autorizando discursos e práticas neofascistas. Ademais, ratifica-se que o bolsonarismo, enquanto projeto político de ódio, não se reduz à figura de Jair Bolsonaro; ele funciona como metáfora de uma força política que se evidencia nos processos de exclusão social e na eliminação simbólica e física de corpos dissidentes.

Os desejos fascistas que reverberam nessa estética não são inéditos; tratam-se de atualizações de forças presentes na formação histórica do país, modulando-se continuamente na realidade brasileira. Tais forças emergem em níveis macropolíticos em diversos momentos históricos, mas também se insinuam na micropolítica, permeando os pequenos discursos cotidianos. Identificamos, portanto, que os discursos estéticos operam como campos de enunciação desses desejos e como produtores de modos de subjetivação. A estética revela-se

central tanto para a perpetuação micropolítica do bolsonarismo quanto para sua emergência macropolítica, atuando como elemento essencial dos movimentos de ódio ao sustentar e amplificar a violência contra a alteridade.

Dada a complexidade do tema e as múltiplas linhas de força que se entrecruzam na disseminação do ódio potencializado pela estética bolsonarista, este estudo não pretendeu esgotar a problemática. Contudo, mesmo diante de um recorte específico, reafirma-se a imprescindibilidade de uma psicologia crítica, compromissada com o entendimento de que a realidade não é um dado *a priori*, mas um campo em constante disputa. Se o cenário é de tensão e transformação, torna-se essencial a existência de uma *práxis* psicológica capaz de se reinventar continuamente para viabilizar novas práticas de cuidado, mergulhando nas potências da subjetividade.

Nesse sentido, reitera-se a urgência de abordar esta temática para a concretização de uma psicologia que cumpra seus deveres ético-políticos e exercite sua imaginação política. Trata-se de vislumbrar uma realidade outra e, concomitantemente, lutar por uma configuração social onde a subjetividade dos corpos dissidentes possa aflorar, superando os discursos violentos reforçados por essa engrenagem articuladora de subjetivação específica: a estética bolsonarista.

6. Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2020.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Resultados – Eleições 2022**. Brasília, DF: TSE, 2022. Disponível em: <https://resultados.tse.jus.br/>. Acesso em: 10 fev. 2026. (Referência adicionada para a citação)

BUGALHO, Henry. **Minha especialidade é matar**: como o bolsonarismo tomou conta do Brasil. 1. ed. Curitiba: Kotter, 2020.

CARVALHO, Olavo de. **Olavo de Carvalho fala com o IMBECIL COLETIVO Pedro Bial, com PIADA PRONTA na apresentação**. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (12 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FIHGYWESLFA>. Acesso em: 18 jun. 2023.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução de Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FERRERO-VÁZQUEZ, Óscar; GHERMAN, Michel; SCHURSTER, Karl (org.). **Negacionismo**: a construção social do fascismo no tempo presente. Rio de Janeiro: Autografia, 2022.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária,

2008.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GHERMAN, Michel. **O não-judeu judeu**: a tentativa de colonização do judaísmo pelo bolsonarismo. 1. ed. São Paulo: Fósforo, 2022.

LÍSIAS, Ricardo. **Diário da catástrofe brasileira**: ano I: o inimaginável foi eleito. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MOTTA, Clara Urzedo Rocha; MIZOGUCHI, Danichi Hausen. As ontologias do comum e a psicologia social: fragmentos de uma aposta. **Psicologia & Sociedade**, v. 31, e191590, 2019.

ORELLANA, Rodrigo C. As palavras e as imagens: uma arqueologia da pintura em Foucault. **Princípios: Revista de Filosofia**, Natal, v. 21, n. 35, p. 5–35, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/6017>. Acesso em: 11 maio 2023.

PASSOS, Eduardo. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 71-79, jan./abr. 2000.

RESENDE, Gabriel. Contar nossos mortos. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 24-37, 2022.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

ROSENFELD, Anatol. **Texto/Contexto II**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva; Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

TIBURI, Marcia. **Delírio do poder**: psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

WOLF, Eduardo. Luta pela alma do Brasil. **Veja**, São Paulo, ed. 2611, 5 dez. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/luta-pela-alma-do-brasil/>. Acesso em: 10 fev. 2026.